

Cultura e desenvolvimento humano

Danilo Miranda

A cultura pode ser entendida como fenômeno da criação humana que mantém fortes relações com o imaginário, com as idéias e com as diferentes formas de expressão de sentimentos e emoções, entre as quais se destacam a arte e a literatura. Este artigo aborda em especial este último aspecto. Nesse se argumenta que o acesso aos bens culturais é uma das principais ferramentas de transformação humana e de aproximação entre as pessoas, possibilitando o reconhecimento da diferença como algo positivo, componente fundamental para a construção da igualdade na diversidade. A cultura digital, que se apóia em novas tecnologias da comunicação, potencializa a transmissão do conhecimento, incidindo principalmente na velocidade com que circulam novas informações, e pode ser uma das ferramentas de aproximação cultural e mudança. Contudo, essa maior difusão de bens culturais demanda novas políticas culturais que incidam sobre a infraestrutura – espaços e equipamentos – que permitam aos agentes sociais operacionalizarem suas idéias. Salienta-se que mais que criar novos espaços é preciso atentar para aqueles já existentes, cabendo ao poder público o fomento, mas não a gestão direta das ações culturais.

Palavras-chave: cultura; literatura; cultura digital; políticas culturais

Culture and human development

Danilo Miranda

Culture can be understood as a phenomenon of human creation that keeps strong relations with the imaginary, with ideals and with the different forms of expression of feelings and emotions, among which art and literature stand out. This article approaches in particular the latter aspect. Here, it is claimed that the access to cultural assets is one of the main tools for human transformation and approximation among people, permitting the acknowledgement of different as something positive, a fundamental component for the construction of equality in diversity. Digital culture, that leans on new communication technologies, potentiates the transmission of knowledge, impacting mainly the speed at which new information circulate, and may be one of the tools for cultural approximation and change. However, that higher dissemination of cultural assets demands new cultural policies that focus on the infrastructure – spaces and equipment – that permit the social agents to make their ideas operational. It is highlighted that, more than creating new spaces, it is necessary to care for those already existing, and the public authorities are to take responsibility for the incentives, but not the direct management of cultural actions.

key words: culture; literature; digital culture; cultural policies



Cultura e desenvolvimento humano

DANILO MIRANDA *



Duas culturas

cultura sempre teve papel primordial em todos os momentos da história da humanidade, seja do ponto de vista da criação e transmissão de conhecimento, seja como antítese da natureza, com a criação de uma condição humana, na qual dois conceitos de cultura emergem: um deles, antropológico, diz respeito à herança social da humanidade, à transmissão de usos e costumes de uma geração para outra; o outro conceito relaciona-se ao conhecimento especificamente, agrupado por áreas, e, apesar de estar incluído no conceito mais amplo de cultura, pode ser separado: é o que poderíamos chamar de erudição.

A cultura, num sentido amplo, engloba criação e transmissão de uma visão de mundo, de conhecimento, de experiência de vida, de emoções; ela estrutura uma relação com a natureza, formas de socialização, relação com os outros, o pensamento simbólico. Enfim, tudo isso é cultura e isso sempre teve um papel central na vida do ser humano em geral.

Cada vez mais se tem consciência disso; cada vez mais se percebe que o ser humano é sujeito e objeto desse processo, é o motor desse processo. Essa dupla condição de sermos agente e resultado de um processo exige que tenhamos uma percepção mais clara de nossa condição. E isso, quem proporciona é a cultura no seu sentido amplo. Ela é o centro desse processo.

* Danilo Miranda é sociólogo e Diretor Regional do Serviço Social do Comércio de São Paulo - SESC-SP. Texto elaborado a partir de entrevista concedida a Thais Lima.

A cultura é toda a experiência humana acumulada, é prospectiva, todo vir a ser, tanto com relação ao conhecimento físico sobre o planeta quanto ao comportamento dos seres humanos e sua expressão artística, material ou imaterial. A cultura pergunta e responde diariamente sobre o dia-a-dia, sobre como fazer, como viver, se alimentar, se vestir, morar... Enfim, absolutamente tudo que o ser humano faz é cultura.

Dominar a tecnologia, dominar toda a informação disponível, com relação àquilo que imaginamos para nós, para o futuro, para aquilo do chamado imaginário, para aquilo que temos de mais humanamente interior e não material. A cultura lida com o material e com o imaterial. Dentro da cultura, podemos incluir todas as experiências humanas, todas as relações humanas, todas as questões que o ser humano já levantou no decorrer de sua existência, desde sua sobrevivência até seu devir, seu futuro, aquilo que ele projeta.

Vejo a cultura, no seu sentido antropológico, como o fenômeno central do ser humano. A cultura, nesse sentido mais amplo, antropológico, que começa com o nascimento do indivíduo e termina com a morte. Desde que nasce, o ser humano respira cultura. O fenômeno cultural vai do primeiro choro ao último suspiro. Essa visão ampla da cultura nos possibilita perceber sua importância absolutamente vital, radical, focal, central.

Contudo, na reflexão que procedemos, podemos focar um pouco melhor alguns conceitos e trabalhar a ideia da cultura enquanto o fenômeno da criação humana, do imaginário, da capacidade de trabalharmos com ideias, com propostas, com a expressão de sentimentos e emoções por meio da arte e da literatura.

Então, chegamos àquele ponto que talvez seja a perspectiva mais refinada da questão cultural, ou seja, a nossa capacidade de gerar informação, conhecimento, nos expressarmos por meio dos mais diversos mecanismos que o ser humano criou: o olhar, a fala, os gestos; a percepção, a emoção; enfim, todos esses sentidos que nos fazem ter contato uns com os outros, com nosso entorno e com algo particular e grandioso do ser humano: uma relação consigo mesmo.

Abordamos esse conceito mais particular da cultura, referente à expressão das manifestações artísticas e do desejo do ser humano de se mostrar, de se exprimir, de protestar, de provocar, de apontar caminhos, enfim, de simplesmente manifestar sua forma de criar, de criar beleza, de provocação, denúncia, de criar o que bem dese-

jar; sobretudo, essa coisa do belo, da expressão estética, aquilo que provoca a sensação do bem-estar e, às vezes, de mal-estar diante de uma obra de arte.

Contemplamos e dizemos: “Que coisa maravilhosa”, seja um quadro, um poema, uma música etc. Chegamos a um grande refinamento desse conceito particular de cultura. Nessa perspectiva, temos de ter um cuidado maior sobre a importância desse fenômeno cultural específico, da expressão artística do ser humano enquanto criador.

Cada vez mais, percebemos como essa faceta ganha uma importância maior. Vivemos uma realidade na qual o ser humano busca satisfação, prazer, conforto. Buscamos insistentemente melhoria da qualidade de vida. Pelo menos essa é a missão daqueles que têm uma preocupação e atuação do ponto de vista social, comunitário e público. Essa é a missão das instituições públicas, dos estados com relação aos seus cidadãos. Essa é a missão daqueles que se preocupam com os indivíduos em sociedade, com a educação, com a difusão da arte.

Se recorremos ao passado para mostrar as glórias e as mazelas do ser humano, temos um caminho vastíssimo pela frente. Cada vez mais, percebemos que essa questão do conhecimento, da cultura, do imaginário, do simbólico, do expressivo, são facetas de uma mesma realidade. Tudo vai ganhando, para o ser humano, uma importância cada vez maior na criação, no desenvolvimento de sua existência, de sua vida.

Percebo que o lugar da cultura, enquanto esse conhecimento específico, vem se tornando cada vez mais importante, tanto do ponto de vista da sociedade como um todo, quanto do indivíduo. Nós, cidadãos que valorizamos o conhecimento literário e artístico, queremos cada vez mais nos apropriar dele, ou, para usar uma palavra do sistema, queremos consumi-lo. Essa última expressão não me é muito cara, não a aprecio, pois se refere a bens culturais como produtos comerciais, mercadorias. Não me agrada quando manifestações culturais são apresentadas como produtos de consumo.

Vejo os bens culturais muito mais como expressão do espírito humano; assim, como tal, não são quantificáveis, precificáveis; não devem ser colocados em embalagens; não são passíveis de serem tratados como sabonete, escova de dente ou geladeira.

Vejo a cultura, nas suas especificidades, como a grande, a extraordinária, a fantástica ferramenta de mudança e transformação real do ser humano. Desse modo,

tem um papel central e prioritário para transformar o ser humano, que nasce e recebe essa formação no decorrer de sua vida. Ele pode transformar-se num cidadão mais consciente, participante, envolvido e preocupado consigo e com os outros, com seu entorno, com seu ambiente, com sua sociedade. A cultura tem esse papel.

A cultura, enquanto erudição, é fundamentalmente um processo de assimilação de informação na qual a educação formal ou não formal, no sentido da adequada transmissão de conhecimento, tem um papel relevante.

A importância da experimentação

A cultura, como tudo que demanda informação, experiência e conhecimento, vive fundamentalmente da experimentação, do contato permanente com novas ideias, novas propostas. Falar de experimentação significa falar de vida, de processo de renovação permanente, significa dar oportunidade para quem cria continuar criando sempre.

Mesmo quando alguém repete uma experiência, está particularizando aquele gesto, está experimentando: para ele, é novidade. Mantém esse caráter experimental, embora outros já tenham feito o mesmo.

Por outro lado, a criação, o experimento original, deve acontecer utilizando-se critérios morais socialmente aceitos. A reflexão ética é fundamental, porque implica o respeito ao outro, ao meio ambiente, ao direito de todos, ao equilíbrio de todos, para que a igualdade absoluta do ser humano, com seus direitos, seja promovida e respeitada.

Essa questão é fundamental e tem de estar presente em toda criação, em toda nova experiência. No mundo, tivemos muitas experiências desastrosas do ponto de vista humano. No filme *Arquitetura da Destruição*, isso fica ainda mais evidente, lembrando o que aconteceu no regime nazista e suas experiências desumanas inomináveis.

A cultura, enquanto ação pública, tem de estar fundamentada na moral e resistir a uma reflexão ética. Agora, as experiências que se fazem no campo da estética, no campo da manifestação do ser humano em todos os setores, nas artes em geral, só fazem sentido se provocarem, no ser humano, o estranhamento, a curiosidade e uma certa indagação ética.

O que seria da arte, como já se foi dito muitas vezes, se não déssemos espaço para todas as experimentações anteriores dos nomes que, de alguma forma, “transgre-

diram” os cânones em determinado momento? Transgressão de cânone, de alguma forma, é inerente à produção cultural permanente. Transgressão de cânone estético. Precisamos ter cuidado com os cânones morais. Precisamos verificar se são passíveis de transgressões. Muitas vezes, mudamos nossos usos e costumes. Mas essas mudanças precisam estar embasadas em rigorosas reflexões éticas.

A pluralidade do ser humano

O ser humano tem necessidade de encontros, diálogos, convivência; ele cria e resolve conflitos; sem falar nas diferenças étnicas, religiosas, políticas. Essa heterogeneidade é a cultura, do ponto de vista antropológico, enquanto herança social, criação e transmissão de conhecimento, usos e costumes. Essa cultura é uma realização social, anônima. Toda a sociedade participa da sua criação e socialização.

A outra cultura, aquela que podemos caracterizar como conhecimento científico e tecnológico, como expressão artística de sentimentos e emoções, demanda uma convivência diferenciada, mais específica. Pressupõe um indivíduo em permanente diálogo, em contato com o outro, com a necessidade do outro.

Vamos nos restringir ao campo artístico. Não existe produção artística sem a possibilidade de ser vista, mostrada, experimentada por outro. O escritor, quando escreve, supõe que alguém vai lê-lo; o pintor, quando pinta, supõe que alguém vai ver sua obra.

É verdade que já existem alguns caminhos, às vezes meio estranhos, meio centrados num extremo individualismo, por parte de algumas manifestações artísticas. Mas acho que elas não prosperam, porque a relação com o outro, a questão da alteridade, é fundamental e inerente à obra de arte. Da mesma forma que o outro me dá sentido, o outro dá sentido à obra de arte, na medida em que ela se constitui como comunicação de emoção e de sentimento. E, se esse conteúdo não chegar a um receptor, não existe comunicação.

A grande experiência humana com relação à cultura em geral e às artes em particular constitui um fenômeno absolutamente extraordinário. Todos nós experimentamos esse contato desde criança com aquilo que é produzido a nossa volta, aquilo que aprendemos a ler e a perceber melhor. A questão do contato, da convivência, é inerente a esse processo. No decorrer da vida, vamos



recebendo, avançando, conhecendo instrumentos em que esse processo se dá de maneira mais completa, mais frutífera, com melhores resultados.

Tive a possibilidade, desde muito cedo, de me envolver com a experiência artística de modo geral, com todas as formas artísticas, seja do ponto de vista musical, literário, seja ponto de vista mesmo das artes visuais e, inclusive, da experiência religiosa – que tem um lugar destacado em qualquer cultura.

Cada pessoa, a seu modo, vai juntando e consolidando suas experiências e capacidades para poder dar conta, no futuro, no decorrer de sua vida, de tudo aquilo que traz e vai acrescentando no seu dia-a-dia. Junto com tudo isso, há sempre a questão da convivência, dos grupos nos quais estamos inseridos, nas situações que vivemos. Tudo isso nos faz, ao mesmo tempo, reproduzir e recriar a cultura, tanto no sentido de erudição quanto no antropológico.

O desafio é conviver com a diversidade

Acho, sinceramente, que a arte, de modo geral, é um instrumento fantástico de aproximação das pessoas. E o mundo cada vez mais isola de um lado e aproxima de outro. É curioso isso. Não raro, a tecnologia de alguma forma nos afasta da convivência. Ficamos horas, às vezes, vendo e consultando a internet. Há certo ensimesmamento muito forte. Podemos nos isolar.

De fato, quando estamos diante de uma tela de computador, estamos muitas vezes em contato com o conhecimento, com o mundo. Temos uma janela extraordinária a nossa disposição, coisa que há muito pouco tempo não existia.

Nós tínhamos janelinhas. Hoje temos uma vitrine imensa, uma grande janela permanentemente aberta a nossa frente. Podemos também estar em contato com muita gente. Aquilo não está ali friamente. Qualquer informação que está na tela significa dezenas, centenas, milhares, milhões de pessoas atrás dela – inclusive, cada um de nós pode estar criando e difundindo informação e conhecimento.

Aquela tela, em si, não é um isolamento absoluto. Tal-

vez no sentido físico, mas não no sentido social, psicológico e cultural. Porém, ao mesmo tempo, muitos indivíduos se escondem diante daquela tela. Eles estão em contato com o mundo, mas se convertem em simples receptores. Abandonam o lado emissor.

Há também essa necessidade de nos aproximarmos dos outros, do contato, da convivência no dia-a-dia, para participar de questões, debates, e trazer, de alguma forma, uma contribuição para as questões que nos são propostas.

Nós vivemos uma realidade muito paradoxal: temos tudo a nossa disposição e falta muita coisa para muita gente. Não é simplesmente em função de uma visão caritativa, cristã, que devemos tentar fazer com que todos tenham acesso a tudo. Não é apenas por formação educacional.

É por uma questão absolutamente humana. Além da questão religiosa, que alguém pode assumir, e também questões de princípios políticos, há uma circunstância absoluta e totalmente humana. Ou seja, não tem sentido imaginarmos uma sociedade no mundo inteiro na qual se produza 100 e apenas 20% ou 10% da população ou da humanidade têm acesso a quase 80% da riqueza.

Isso não é uma questão social, nem religiosa, nem política. É uma questão humana.

Desejamos, por outro lado, que haja uma igualdade absoluta para o ser humano – quando temos diferenças profundas entre nós – também não é uma coisa simples de ser alcançada e achar que isso pode ser resolvido de uma hora para outra. Mas deve haver um equilíbrio entre essas questões.

Para atingirmos esse equilíbrio, é fundamental levarmos em conta a diversidade, o respeito à liberdade. O ser humano só vai realmente ter um padrão de bem-estar maior na medida em que grande parte dessa humanidade puder desfrutar dele.

Isso é uma questão humana. Não é uma questão religiosa, nem política. É uma questão absolutamente baseada no direito de o ser humano ter acesso aos bens que a natureza colocou a sua disposição. Se queremos igualdade, como é que vamos lidar com a diversidade? Como equilibrar essas duas tendências? O que é a diversidade?

A diversidade é, talvez, um dos aspectos mais curiosos do nosso processo civilizatório. Aceitar como meu amigo, companheira ou companheiro, enfim, colocar ao meu lado alguém que seja parecido comigo, igual, que

tenha hábitos semelhantes, tenha as formas de se alimentar e de se vestir e de entender o mundo iguais às minhas formas e modos etc., me acrescenta algum mérito, mas não é um mérito tão extraordinário assim.

Agora, por respeito à condição humana, por convicção, eu aceitar alguém ao meu lado que pensa diferente de mim, que tenha visões diferentes com relação ao mundo, à história, ao passado, ao futuro; uma pessoa que se alimenta diferente de mim, acredita em outras coisas nas quais eu não acredito, que é diferente, é diversa de mim, isso me acrescenta muito mais. Nessa convivência, eu cresço.

A grande questão da humanidade hoje diz respeito a essa não aceitação, diz respeito a essa dificuldade do convívio. Há uma questão cultural fundamental, do ponto de vista antropológico. O conflito é o resultado de tudo isso e faz parte do processo. Porém, uma coisa é administrar um conflito porque alguém pensa de um jeito e eu penso de outro; nós temos um conflito efetivo. Outra coisa é acirrar essa posição e não admitir sua presença, nem a convivência e, se puder, tirar da frente, eliminar o outro, seja no sentido de não me interessar por essa convivência, ou, o que é mais radical, no de retirá-lo simplesmente da vida.

Essa questão é o grande desafio do ser humano: como lidar com a diversidade e como lidar com a igualdade. A igualdade é a maior conquista civilizatória. Não se pense que ela é tão universal como a gente imagina ou gostaria que fosse porque, hoje, ainda no mundo, a sensação, o conceito, o fundamento da igualdade ainda é muito questionável.

Se se levar em conta, por exemplo, a posição com relação à mulher em todo o mundo, esse sentimento da igualdade é algo que ainda exige uma evolução, um crescimento, uma melhoria de entendimento, no qual o princípio da igualdade seja colocado em todos os padrões, em todos os sentidos, em todas as questões. Isso ainda é uma quimera para a sociedade.

Isso também acontece com relação a muitas outras “minorias” – está entre aspas porque chamar um conjunto de mulheres de minoria é um absurdo, na medida em que elas correspondem a mais da metade da população mundial.

O grande momento do atingimento, do ápice do processo civilizatório será no dia em que a igualdade for assumida de maneira absoluta e total no mundo inteiro, em toda a humanidade, o que para mim é uma perspectiva

ainda muito distante. Isso não quer dizer que seremos todos iguais, e sim que somos iguais na diferença, nós todos nos reconhecendo como seres humanos, identificando o diferente como ser humano, com direito à vida e a sua cultura.

E o outro momento é o respeito à diversidade. Somos iguais e diferentes. Essa é a frase. Ou, se preferir, somos diferentes e somos iguais. Não pode haver preferência nem de um lado e nem de outro. O respeito é a diferença – o fundamento da igualdade está aí. Tudo isso para dizer o seguinte: a cultura, enquanto erudição e expressão de sentimentos e emoções, tem um papel vital nesse processo. O conhecimento pode ajudar nesse processo de lidar com a diferença, lidar com o diferente, exercitar a tolerância, o respeito ao outro, a aceitação do diferente, mesmo com dificuldade, onde se permite até o conflito.

A arte como fator de mudança

Com frequência, discuto muito essa questão do preconceito, de visão a respeito do outro. O preconceito como resultado de uma educação, de um tipo de socialização, pode ser grave, mas é explicável. É o caso de pessoas que não tiveram a possibilidade de refletir sobre esses preconceitos.

Porém, se essas pessoas cultas, informadas, com acesso à informação e ao conhecimento, mantiverem discriminação racial, religiosa, sexual, estão cometendo uma falha grave.

Receber uma educação preconceituosa é algo com que a sociedade toda já se acostumou e é absolutamente comum. Manter esse preconceito no decorrer da vida é outra coisa.

Uma cidade que não está acostumada a lidar com posições diferentes do ponto de vista político, do ponto de vista do gosto artístico, terá dificuldade de aceitar um conjunto de música jovem de vanguarda. Provavelmente, existirá algum conflito. Emergirá o preconceito.

Contudo, acho importante os gestores da cultura sabermos que esse tipo de provocação, digamos, de confronto, é importante para o surgimento de novas ideias, desde que feito com inteligência, com ponderação, com cuidado.

É o caso do conflito entre experimentação e cultura popular. É indispensável confrontar o velho e o novo; fazer uma ação somente voltada para um lado ou para outro é um equívoco grave de gestão.

Eu me assusto um pouco quando, muitas vezes, as pessoas que falam em nome, por exemplo, da cultura popular não admitem nem de longe tratar daquilo que é novo, diferente, contemporâneo. Esbravejam: “Faço isso para preservar nossa cultura”. Não acho que isso é preservar. Se essa pessoa se isola nessa posição, não estará preservando a cultura popular. Estará criando um gueto que não vai sobreviver. Não tem a menor chance de sobreviver.

Por outro lado, também, impor uma cultura nova no lugar tradicional, na marra, na força, também é um equívoco. Isso deve ser feito de maneira absolutamente inteligente e adequada.

Por isso acho importante os gestores culturais compreenderem esse balanço entre as coisas, entre o igual e o diverso, entre o de fora e o de dentro, entre o popular, a cultura popular e a experimentação, entre esses polos, digamos, contrários, aparentemente conflituosos, mas que têm como se conciliar e, de alguma forma, caminhar juntos.

A eterna tensão entre o tradicional e a inovação

Lidar com o novo e com o tradicional é absolutamente indispensável e é importantíssimo que se respeitem todas as tendências.

Eu tive uma formação religiosa. Fui seminarista jesuíta. Na minha formação, estudei latim, grego, humanidades etc. Há uma frase latina que sempre me ocorre nessas horas: *oportet illa facere et haec non omittere*. Traduzida, quer dizer: pode-se fazer uma coisa sem deixar de fazer outra. Na prática é isso, ou seja, como conciliar os contraditórios? Nesse sentido, acredito que o grande mistério da administração em geral, da administração de pessoas, da administração de recursos humanos, tem a ver com essa habilidade de lidar com o conflito, de lidar com polos antagônicos.

No caso de uma instituição como o SESC, que dirijo há alguns anos e que lida com a cultura em diversas dimensões, abordamos a questão do bem-estar, com programas voltados para as mais variadas populações. Atendemos todo tipo de gente, de todas as idades, com todo tipo de tendência, com características das mais variadas – urbanas, rurais –, públicos bem diferentes, com desejos e perspectivas diferentes. Nós estamos sempre optando por decisões que são colocadas na mesa de maneiras antagônicas: devo contemplar o tradicional ou fazer algo novo?

Devo aceitar alguma coisa de dentro da instituição ou algo de fora que está sendo proposto? Devo fazer uma coisa que contemple, digamos, muita gente ou vou contemplar um grupo menor, mas que poderá influenciar posteriormente mais gente?

No SESC, temos permanentemente de lidar com essa dualidade. Isso faz parte da administração, especialmente no campo da cultura.

Vou dar um exemplo bem interessante: há muitos anos, recebemos um grupo de dança muito sofisticado de Nova York, um grande mestre internacional da dança, que era uma coisa realmente extraordinária, em relação à qual era preciso ter um cuidado muito especial na composição do palco, na luz, no som etc.

Foi feita essa apresentação para um grupo de pessoas que tinham interesse, desejo, e era importante porque aquele grande autor, aquele grande nome, suscitava muitas questões e, sobretudo, era muito importante para outros artistas.

Foi feita em parceria com uma outra instituição, numa das nossas unidades, com todos os cuidados técnicos e artísticos necessários. Uma semana depois, nós recebemos, naquele mesmo espaço, naquele mesmo palco, com o mesmo cuidado técnico, com o mesmo cuidado artístico, com a mesma atenção e com a mesma divulgação publicitária, um grupo de jovens de uma comunidade carente de São Paulo que foi mostrar lá a sua dança.

Para nós, a consideração, o respeito é exatamente o mesmo. Qual foi o espetáculo mais importante para nós? Os dois foram importantes. É nisso que acreditamos: lidar de maneira igual com os diferentes; trabalhar de maneira que se respeitem as diversas tendências, contemplando toda a sua variadíssima clientela, divulgando especialmente aqueles que têm menos possibilidade de se mostrar.

Aí entra o critério social, a necessidade de dar atenção àqueles que têm menos possibilidades. São critérios indispensáveis para administrar eventos culturais do ponto de vista da sociedade, do ponto de vista do interesse público, que é o que tem de prevalecer. Mas precisamos ter o discernimento de propor algo inovador, para poucos, mas que pode significar, no futuro, novidade para muitos.

O cyberativismo entre o tradicional e a inovação

Não podemos fazer qualquer consideração sobre cultura sem considerar o poder das redes, a cultura digital, o cyberativismo e as novas tecnologias da comunicação.

Não é uma realidade futura, é uma realidade presente. Nós já temos uma experiência extraordinária no uso dessa tecnologia de uma forma absolutamente fantástica e que tende somente a aumentar e ampliar-se. Tenho a impressão de que nós estamos vivendo uma nova era civilizatória graças ao progresso das tecnologias da comunicação e à facilidade com que temos acesso à informação.

Comunicação, informação. Isso nos remete a uma nova sociedade. Sou muito otimista em relação a isso. Talvez algumas pessoas imaginem que seja exagero da minha parte, mas eu diria que se nós tivermos a população de países antagônicos com acesso pleno às informações e ao conhecimento, os conflitos civis violentos certamente tenderão a diminuir. Já pensou? Diferentes disputas para as melhores sinfonias; ou dança, ou determinada música; ou quem faz melhores esculturas. Pensando bem, as Olimpíadas e os campeonatos esportivos são formas pacíficas de competição.

Acredito que uma das formas de superação dos conflitos é o conhecimento. O conhecimento contribui para a redução do conflito. Quanto mais conhecimento sobre o outro – conhecimento efetivo, afetivo, não preconceituoso –, melhor será nossa relação com ele. Se temos informação sobre determinada pessoa (a não ser que haja más intenções, ou outro tipo de elemento), dificilmente interrompemos um diálogo, o primeiro passo para uma convivência saudável.

Assim, conhecendo-se bem, havendo uma boa intenção entre as pessoas, não vejo como elas possam entrar em conflito para se destruírem.

O conhecimento, de alguma forma, elimina barreiras. Se eu passo a conhecer o que o outro faz, como o outro pensa, como ele age etc., eu passo a ter maior facilidade para entendê-lo e compreendê-lo. À medida que a informação e a comunicação se tornam presentes de modo mais intenso nesse processo tecnológico todo, nós partimos para outro nível de civilidade.

Lento, gradual, difícil, complicado, demorado, tudo bem, mas acredito que caminhamos na direção da convivência pacífica, porque a tendência é que aumente o acesso à informação e ao conhecimento, em função do progresso tecnológico.

Antigamente, nós tínhamos computadores muito precários. É o que dizemos hoje. Naquela época, eram fantásticos. Lembro-me de que eu estava estudando ainda no colégio interno, em Nova Friburgo, nos anos 1950, quando fui ao Rio de Janeiro pela primeira vez e vi, numa universidade, um negócio chamado Cérebro Eletrônico – um antigo nome de computador. Ele ocupava um andar de um prédio com um monte de máquinas: esquentava muito, tinha um processamento muito demorado. Mas era uma coisa extraordinária. Isso em 1955.

Depois disso vieram os computadores e os centros de processamento de dados que eram muito importantes, e todas as empresas começaram a obtê-los. Aos poucos, eles se transformaram em redes de micros. Hoje, a internet, a maior rede mundial de armazenamento e transmissão de informação e de conhecimento, provocou uma grande revolução na história da humanidade. O ser humano sempre criou conhecimento e o transmitiu, mas nunca de maneira tão rápida e em tanta quantidade.

Eu me lembro que quando fiz um curso na Suíça, nos anos 1970, nós tivemos acesso aos computadores da universidade de Harvard. Estando na Suíça, a gente tinha acesso aos computadores de Harvard para uma consulta: tínhamos hora marcada para fazer uma ligação telefônica e era algo extremamente lento para nossos padrões atuais. Mas na época era muito interessante, absolutamente extraordinário.

Também nessa ocasião, descobri uma coisa que se chamava fax, que vem da palavra fac-símile, que quer dizer igual, cópia de alguma coisa. E fac-símile era o xerox à distância. Eu achava maravilhoso. Só existia no correio da Suíça. Ia-se ao correio, pegava-se um papel, colocava-se numa máquina que o lia e o transmitia para outro lugar. Era o xerox à distância. Eu achava aquilo extraordinário.

Naquele tempo, havia o telex, uma máquina que enviava mensagens por meio de uma fita perfurada. Usávamos um teclado como de máquina de escrever, que o convertia numa fita, que era decodificada no receptor. Já era um grande avanço.

De lá para cá, isso tudo parece jurássico; tudo desapareceu. Chegaram os computadores de mesa, o e-mail,



Tenho consciência muito clara de que nós avançamos, mas avançamos correndo riscos – avançando o tempo todo porque somos humanos e temos, do nosso lado, tendência a fazer o melhor sempre. Claro que, ao mesmo tempo, temos também tendência a praticar o pior mal possível. A civilização e a barbárie trabalham absolutamente paralelas, juntas. Isso é o ser humano, isso é a humanidade.

os lep e pal tops, que podemos levar para qualquer lugar. Agora temos algo que cabe na nossa mão, que é telefone, máquina fotográfica, computador que acessa a internet... Para onde nós vamos?

Daqui a pouco, vamos ter um botãozinho no anel que apertamos e projetamos numa parede o que desejamos. Ou no ar, como se fosse uma holografia. Aliás, já há algo parecido por aí.

O avanço da comunicação, do ponto de vista tecnológico, é cada vez maior. Ou seja, a comunicação e a informação também estão cada vez mais facilitadas: para o que há de melhor e para o que há de pior, e a sociedade vai também se ajeitando, corrigindo, tentando buscar soluções.

Tenho para mim que a formação de rede para todos os objetivos, para aumentar o conhecimento, manter intercâmbio, trocar informação, construir ideias, soluções, resolver problemas dos mais variados no mundo, se torna cada vez mais fácil. A rede é uma ferramenta cada vez mais útil.

Tenho consciência muito clara de que nós avançamos, mas avançamos correndo riscos – avançando o tempo todo porque somos humanos e temos, do nosso lado, tendência a fazer o melhor sempre. Claro que, ao mesmo tempo, temos também tendência a praticar o pior mal possível. A civilização e a barbárie trabalham absolutamente paralelas, juntas. Isso é o ser humano, isso é a humanidade.

Como corrigir isso? Acho que com a informação, a comunicação, esse processo cada vez mais avançado, a construção de redes, essa facilidade de ter acesso ao mundo todo de maneira quase imediata. Hoje, ninguém pode ter dúvida de nada. Quando alguém pergunta: “Quando morreu Beethoven?”, a resposta chega em segundos, por meio do celular. E, se a pessoa quiser, tem acesso a toda a vida dele, às músicas que compôs, a áudios e vídeos de suas sinfonias.

Claro que isso não é ainda para a humanidade inteira. É aquela história que eu dizia da igualdade. O dia que for, aí muda tudo. E aí vai ser inevitável: imagino, realmente, um mundo de avanço com todas as dificuldades, com todos os equívocos, com essa situação caótica criada no mundo da riqueza virtual que está aí presente e que foi um grande e terrível problema, para o qual certamente vamos buscar caminhos mais equilibrados no futuro. Portanto, a minha perspectiva é sempre muito otimista.

As políticas culturais farão a diferença

Acredito que a maior ou menor rapidez na difusão da informação, da arte, do conhecimento, depende fundamentalmente de boas políticas culturais. O Brasil avançou muito nesse sentido. Contudo, as demandas são imensas. São demandas tanto do ponto de vista da infraestrutura quanto do fomento, da estruturação de necessidades e da operacionalização de ideias.

Quanto à infraestrutura, nós temos um caminho grande a percorrer, no nível nacional, estadual, municipal... Temos avançado muito e temos conseguido organizar ações que atendam a essa necessidade. Quando falo infraestrutura, refiro-me a espaços, equipamentos. A estrutura é propriamente a legitimidade e os meios pelos quais a criação cultural e artística pode transitar, ser difundida e apreciada, como ideia, conceito ou prática.

O Ministério da Cultura tem trabalhado muito nessa direção, na criação do sistema nacional de cultura, que,

para mim, é algo que tem de dar conta do processo de informação. Mas como se trata de um sistema que pretende organizar suas partes em todo território nacional, coordenando-as entre si, há ajustes que ainda deverão ser feitos quando as questões preponderantes até o momento (como a preocupação com o fluxo de decisões) e o estabelecimento dos fluxos financeiros estiverem superados, ou puderem ser mais bem previstos. Outro aspecto crítico para o qual os gestores do sistema devem estar atentos é com relação à burocracia do Estado que, mesmo sem querer, pode modificar o andamento dos processos e a qualidade dos resultados. Portanto, é possível que o Sistema, mais como metodologia do que como estrutura burocrática, aprimore a qualidade da comunicação social prevista na difusão cultural, para ganhar agilidade.

Estamos avançando, estamos melhorando, mas falta muita coisa ainda em todos os níveis. Recentemente, foi criado um instituto nacional de museus. Se isso é realmente uma coisa que vai permitir cumprir essa missão, acho fantástico e, daqui para frente, acho melhor que cresça. Com relação à infraestrutura, tenho uma visão bem clara e acho, com relação à questão física das estruturas que, mais do que criar espaços novos, devemos nos preocupar com os espaços já criados.

Muitas vezes, políticos e gestores imaginam manter ou colocar o seu nome numa plaquinha na porta de um novo edifício. Temos muita coisa que precisa ser mantida, restaurada, recuperada. Estou falando de patrimônio histórico, museus, casas de espetáculos, centros culturais. E isso é no Brasil inteiro.

Esta é a primeira variável sobre a qual precisamos nos debruçar: infraestrutura. A infraestrutura no sentido da informação e desenvolvimento. Nós temos de criar essa modalidade. Por exemplo: formar bons gestores de cultura e espalhá-los pelo País; dar elementos para que toda essa rede imensa de Pontos de Cultura tenha condições de exercer bem o seu papel de gestores, de alguém que entende o que fazer com o recurso, como utilizá-lo, como dar conta desse recurso de uma maneira adequada. Tudo isso tem a ver com gestão.

E, com relação ao fomento, quando falo em fomento quero falar da criação de oportunidades para o surgimento dos criadores, daqueles que desejam participar. Estou



falando de concursos, de festivais, de iniciativas as mais variadas no País inteiro que deem conta disso, que permitam que o poder público, em todos os três níveis, seja capaz de atender às necessidades da área cultural. Infraestrutura e fomento são mais importantes do que ação direta, mais do que a gestão das ações culturais. Essa é consequência.

Aqui, entramos no campo do fomento e das leis de incentivo que têm sido, ultimamente, a grande fonte de apoio para a ação cultural. Acho indispensável. Evoluímos muito e temos de evoluir mais. Só precisamos tomar dois grandes cuidados.

Primeiro, com a utilização do recurso público, do incentivo fiscal, para ações de caráter privado que têm o cunho de publicidade empresarial. É claro que a lei está aí, mas a ela deve ser cuidadosamente cumprida para promover a cultura e não financiar a publicidade.

O segundo elemento diz respeito, sobretudo, ao caráter educativo da cultura – que, para mim, é fundamental. Refiro-me ao caráter educativo: é o interesse público que deve nortear o processo de difusão cultural incentivado. Isso quer dizer que devemos favorecer aquele artista, literato, ou grupo de artistas que não tenha uma carreira consolidada, que precisa ser mais cuidadosamente amparado.

Acho importante reafirmar: as ações culturais incentivadas devem ser presididas pelo interesse público. Temos de evitar a utilização desses recursos de uma forma inadequada, simplesmente publicitária ou mercadológica.

Empresas privadas que eventualmente desejem, por conta própria, investir recursos na cultura, que o façam independentemente da lei. O que não pode é depender exclusivamente do mecanismo de incentivo cultural.

Eu acredito que a ação cultural é uma ação pública. Portanto, é preciso aumentar os recursos públicos provenientes da arrecadação dos impostos, direta e exclusivamente voltados para a cultura, devidamente controlados, além desses dos atuais incentivos fiscais.